ESBOÇO DE UMA POÉTICA: DIÁLOGOS ENTRE O ESTUDO DE CARTAS E O PROCESSO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA

Carlos Augusto Moraes Silva (UFU)[1]

Resumo: Antes da internet, uma prática comum entre escritores e demais personagens da vida pública e privada era a troca de correspondências – cartas, telegramas, cartões postais, bilhetes, dentre outros. Mas, afinal, o que podem nos revelar hoje esses documentos? O presente trabalho faz um recorte no conjunto de missivas trocadas entre Clarice Lispector e o escritor Lúcio Cardoso, especificamente uma carta datada de 1945, na qual os autores abordam impressões sobre a escrita do romance "O Lustre". Esse intenso diálogo epistolar descortina para o leitor e a crítica mais do que um relato de experiências pessoais – as cartas constituem, de fato, um espaço privilegiado de reflexão sobre a literatura e o respectivo processo de criação.

Palavras-chave: Cartas; Clarice Lispector; Teoria Literária.

Diálogos entre o estudo de cartas e o processo de criação literária

> *No fundo, os livros são acidentes; as cartas, acontecimentos: daí sua soberania* (CIORAN, 1993).

Para Haroche-Bouzinac (2016), a exploração do gênero epistolar envolve amplos debates de natureza teórica, crítica e interpretativa. Como gênero de fronteira essencialmente híbrido e maleável, a carta resiste a conceituações estritas, tencionando-se entre a norma e a inventividade, o público e o privado, a escrita e a oralidade, o ensinamento e a alteridade, o literário e o prosaico. Ainda segundo a autora:

> [...] o estudo de carta pressupõe a percepção de muitas camadas de significados, leituras do texto e do contexto, valendo-se de um instrumental interpretativo que possa iluminar a força e a tradição epistolográfica, as encenações do sujeito, os pactos entre os interlocutores, as sociabilidades e tantas outras vertentes de análise.

Por outro lado, a correspondência do escritor pode ser um valioso documento, capaz de revelar as nuances da elaboração de determinada obra, pois é muito comum que, em meio a notícias triviais, surjam com frequência comentários e trocas de ideias acerca do processo criativo de seus livros, sobretudo quando tal diálogo epistolar acontece entre dois escritores. Assim, o estudo desse tipo de correspondência pode oferecer, à Teoria e Crítica Literária, elementos para compreender a concepção estética do autor.

[1] Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: gutolitera@hotmail.com

A esse respeito, Santos (1998, p. 26) assevera que a carta é um texto que, ao ser estudado, desvela fatos e acontecimentos, expõe sentimentos, experiências e idiossincrasias. Na leitura atenta da carta, é comum que algumas questões rompam o limite tênue do discurso epistolar – isso pode servir de aporte teórico para compreender o que até então parecia obscuro na vida e na obra literária de um escritor.

De fato, a carta se configura como uma vasta fonte de informações sobre a biografia, o processo de criação e as concepções de vida do autor. Moraes (2007) explica que a carta é um laboratório ou arquivo de criação, na medida em que carrega em si traços da criação literária do escritor:

> A carta, enquanto terreno de experiência e partilha, figura como lugar privilegiado no desenvolvimento literário. Perpetuam-se nela os resquícios de um trabalho miúdo ligado ao nascimento e à crítica do texto literário, onde se pode acompanhar o engendramento do texto nas filigramas, observar os meandros da análise e da interpretação e até pontuar motivações externas que irão "precisar a circunstância" do texto (MORAES, 2007, p. 92).

Por um longo período, as informações contidas nas correspondências trocadas entre artistas e intelectuais foram relegadas ao segundo plano e vistas com certa desconfiança pela História e Crítica Literária. Talvez esse preconceito em relação a elas ocorra pelo fato de que:

> [...] no interior de uma cultura falocêntrica a escrita epistolar foi considerada pelos críticos literários uma literatura menor. Por sua vez historiadores entenderam por longos anos as cartas pessoais como uma fonte de pesquisa inapropriada ao conhecimento histórico (LONTA, 2011, p. 91).

A partir da década de 1980, a crescente publicação de coletâneas de cartas anotadas e comentadas se destaca como um fenômeno editorial. Não tardou para que historiadores e críticos literários adotassem uma nova perspectiva de análise e leitura dos textos epistolares, o que levou à revalorização do indivíduo, abrindo um importante espaço para os escritos (auto)biográficos.

O desenvolvimento do gênero autobiográfico remonta ao século XIX, momento em que preenchia funções bem definidas com a educação do "eu" ou a fixação de normas de convivência em determinados meios sociais, além de satisfazer a busca de intimidade e privacidade que acompanhou a implantação do pensamento burguês no Ocidente.

Neste trabalho é positivado o estudo das correspondências trocadas entre escritores e intelectuais, com o intuito de investigar o processo criativo e sua trajetória ficcional. Paralelamente a tal objetivo, tenciona-se problematizar em que medida o diálogo epistolar, rico em opiniões e sugestões, influenciou ou não a criação e a gênese de suas obras.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores dos textos autobiográficos, especificamente das cartas, concerne ao acesso aos originais. A família, em grande parte casos, é a guardiã desse espólio e não mede esforços para dificultar o acesso a ele. Contudo, há casos em que o estudioso, com um pouco de sorte e paciência, terá livre ou parcial acesso aos preciosos acervos. Em relação a isso, Prochasson (1998, p. 109) chama a atenção para o cuidado no uso das cartas como fontes de pesquisa:

> Outras vezes, o historiador consegue a abertura parcial e controlada de um fundo de gaveta e os papéis são trazidos com prudência, a conta gotas. As informações íntimas são ocultadas. O arquivo privado perde sua riqueza: tende a se transformar em arquivo público, revelando apenas o mais banal, o mais conveniente ou o mais desculpável. Ele deve sustentar a mitologia que a família está encarregada de proteger. Tanto o historiador como a História que pretende escrever ficam sob vigilância.

As mesmas advertências feitas aos historiadores podem ser aplicadas aos estudiosos da Literatura que buscam, nos textos epistolares, respostas acerca da vida e obra do autor. Existe, na maioria dos acervos disponíveis, o que Malatian (2011, p. 202) chamou de "Memória consciente" ou "desejo de controle da memória", de preservação da imagem pública, e "a manutenção de segredos constitui, com frequência, obstáculos a serem superados na busca das fontes epistolares e se completam com desejos, explícitos ou não, de exaltação memorialística por parte dos detentores do acervo". Por conseguinte, é preciso pensar em um ato de memória consciente e questionar uma possível interferência sobre a espontaneidade do discurso epistolar.

Nesses termos, a publicação de coletâneas de cartas de escritores e demais artistas descortinou, para o grande público, nuances e informações sobre obras e autores até então desconhecidas Expõem-se não apenas curiosidades da vida íntima de tais personalidades, como também preciosos dados que podem iluminar a composição e gênese de sua arte.

Desde que foram publicadas, as correspondências trocadas entre Clarice Lispector e diversos autores da Literatura se tornaram documentos capazes de elucidar ou fornecer,

aos leitores e estudiosos, pistas do processo criativo da autora de "A paixão segundo GH", de 1964. Em "Cartas perto do coração", de 2001, e "Correspondências", de 2002 – coletâneas que reúnem parte desse acervo epistolográfico –, diversos temas se mesclam de maneira recorrente, como afetos, confissões, notícias da vida social e política do país.

Entretanto, essas temáticas quase sempre convergiam para os meandros da criação artística, em que reside provavelmente o valor das correspondências para os estudiosos da Literatura. Ao grande público, tal acervo epistolográfico expõe nuances das reflexões de Clarice Lispector sobre a criação de seus livros. Ademais, as cartas revelam uma autora sensível, atenta às considerações feitas pelos companheiros de Letras.

Pouco tempo depois de publicar seu primeiro romance – "Perto do coração selvagem", de 1942 –, Clarice se muda para Belém e posteriormente parte rumo à Europa, para acompanhar o marido diplomata. Assim, as informações sobre a recepção e a crítica do livro de estreia ficam sob responsabilidade de sua irmã, Tânia Kaufman, e dos amigos escritores, dentre eles Lúcio Cardoso.

Em carta de 1945 endereçada a Lúcio, Clarice comenta o artigo escrito pelo amigo e revela certo desânimo diante das duras críticas emitidas por Álvaro Lins acerca do primeiro livro:

> Lúcio, você diz no seu artigo que tem ouvido muitas objeções ao livro. Eu estou longe, não sei de nada, mas imagino. Quais foram? É sempre curioso ouvir. Imagine que depois que li o artigo de Álvaro Lins, muito surpreendida, porque esperava que ele dissesse coisas piores, escrevi uma carta para ele, afinal uma carta boba, dizendo que eu não tinha "adotado" Joyce ou Virgínia Woolf, que na verdade lera a ambos depois de estar com o livro pronto. Você lembra que eu dei o título datilografado (já pela terceira vez) para você e disse que estava lendo o Retrato do Artista e que encontrara uma frase bonita? Foi você que me sugeriu o título... (MONTERO, 2002, p. 44).

O fragmento da carta encaminhada ao amigo Lúcio Cardoso revela informações que podem elucidar questões instigantes para o leitor, e a crítica que busca compreender a trajetória ficcional de Lispector. Fica evidente a preocupação da autora com a recepção crítica de sua obra, a ponto de lhe causar certo abatimento, colocando em xeque o próprio talento criativo. Na mesma carta, Clarice aborda um assunto que sempre a incomodou: a questão da influência em relação a outros autores, em que afirma ter lido Joyce e Virgínia Woolf depois de já ter escrito "Perto do coração selvagem".

O diálogo epistolar mantido com Lúcio Cardoso começou na juventude e se estendeu por toda a vida, posto que, além de confidente, o jovem escritor atuou como leitor e revisor de alguns textos de Lispector. A cumplicidade[2] e a confiança chegaram a tal ponto de Clarice aceitar sugestões dadas por Lúcio na composição do romance de estreia – inclusive, o título da obra foi sugestão do amigo, conforme afirma a autora no fragmento acima.

Cartas de Clarice para Lúcio: impressões acerca da escrita de "O lustre[3]"

Em 1940 Lúcio Cardoso, com 28 anos, e Clarice Lispector, com 20, se conheceram. Desde então, estabeleceram forte amizade e cumplicidade alimentadas pela constante troca de cartas nos períodos em que Clarice viveu no exterior. Por intermédio de Lúcio, ela passou a frequentar as rodas literárias do "grupo introspectivo", que se reunia no Bar Recreio, no Rio de Janeiro. Foi Lúcio Cardoso quem sugeriu o título de seu primeiro romance, "Perto do coração selvagem", de 1943.

Além das temáticas de teor íntimo, o leitor pode acompanhar, nas cartas trocadas entre os amigos, a discussão e a troca de impressões acerca do próprio ato de criação artística. As angústias e a insegurança em torno de sua produção escrita eram compartilhadas entre os dois jovens escritores.

Pertencente a uma carta endereçada a Clarice Lispector em 1946, o fragmento subsequente ilustra, de forma exemplar, o intenso e rico intercâmbio de ideias no processo de composição de "O lustre":

> Não li o seu livro, mas tive muita vontade disto. Gosto do título O lustre, mas não muito. Acho meio mansfieldiano e um tanto pobre para pessoa

[2] No que diz respeito a questões que envolvem a confiança e cumplicidade, Viotti (2007, p. 25) chama a atenção para uma característica peculiar do discurso epistolar e que certamente deve ser considerada pelo estudioso que pretende utilizar as correspondências como fonte de pesquisa. Esse trabalho de leitura não pode ser ingênuo, pois o discurso das cartas nem sempre pode ser tomado como verdade. Ele é construído em sujeição a determinadas contingências que, às vezes, exigem omissões e exageros indispensáveis ao missivista para alcançar os objetivos que almeja. Ainda segundo o referido autor, assim como qualquer texto biográfico, a carta não está livre do que se chama de "encenação da persona".

[3] "O lustre" é o segundo romance da autora – foi escrito em 1946, dois anos depois da estreia de "Perto do coração selvagem". Esse livro não chamou muito a atenção como o primeiro elaborado por ela e ainda permanece como um dos romances menos analisados pela crítica de Clarice. Contudo, Lúcio Cardoso, amigo dela, disse, em correspondências com a escritora: "[...] por falar em O Lustre, continuo achando-o uma autêntica obra-prima. Que grande livro, que personalidade, que escritora! Mas isso é velho, não?" (MONTERO, 2002, p. 132).

> tão rica como você. Tenho falado com José Olympio, mas ainda não há nada decidido. Mas prometo que sairá no próximo ano (escrevo no dia 28 de dez...) de qualquer modo. "A professora Hilda" ainda não saiu, assim que sair mando para você. Estou escrevendo uma outra novela que se chama "O anfiteatro". Talvez você goste. Clarice, não deixe de me escrever. Juro que sou seu amigo. Só que sou muito preguiçoso. Mas sob palavra que outra carta que receber sua responderei com um testamento de vinte páginas. E você escreve cartas tão lindas, tão naturais! Quando será seu regresso? Dei todos os seus recados a Octávio, Lêdo Ivo. Ambos enviam lembranças e vão escrever também. Quando você escrever de novo, queria que mandasse umas linhas para – Jacques do Prado Brandão – um amigo meu de Minas que é louco por você. Adeus, lembranças ao Maury, grande abraço. Sou muito, muito seu amigo e de Tania.
>
> Lúcio
> Belo Horizonte, 15 setembro de 1946
> (MONTERO, 2002, p. 66).

É possível notar, ao longo de toda a correspondência de Clarice, o quanto a autora valorizava as críticas e sugestões dos interlocutores quanto à tessitura de seus textos. Dicas de títulos e mudanças na estrutura dos contos e romances eram temas recorrentes no diálogo epistolar mantido com os companheiros de letras, revelando o "grande peso" de tais opiniões sobre as escolhas literárias.

Clarice, munida de certa graça e ironia, responde ao amigo:

> Lúcio, caro:
>
> Que alegria receber sua carta, tão curta e tão apressada. Mesmo assim, *grazie tante* pela lembrança. Me faz bem receber qualquer palavra sua. Me entristeceu um pouco você não gostar do título, O lustre. Exatamente pelo que você não gostou, pela pobreza dele, é que eu gosto. Nunca consegui mesmo convencer você de que sou pobre...; infelizmente quanto mais pobre, com mais enfeites me enfeito.
> No dia em que eu conseguir uma forma tão pobre quanto eu o sou por dentro, em vez de carta, parece que já lhe disse, você recebe uma caixinha cheia de pó de Clarice. Talvez você ache o título mansfieldiano porque você sabe que eu li ultimamente as cartas de Katherine. Mas acho que não. Para as mesmas palavras dá-se essa ou aquela cor. Se eu tivesse lendo então Proust alguém pensaria num lustre proustiano (meu Deus, ia escrevendo proustituto!), numa dessas pequenas coisas a que ele dá tanto sentido mas sem dar nenhum valor sobrenatural. Se estivesse ouvindo Chopin, pensaria que meu lustre era um desses de grande salão, com bolinhas delicadas e transparentes, sacudidas pelos passos de moças doentes e tristes dançando. O diabo é que naturalmente eu venho sempre por último, de modo que eu sempre estou no já está feito. Isso muitas vezes me deu certo desgosto. Assim, eu estava lendo Poussière e encontrei uma coisa igual a uma que eu tinha escrito. E

> agora que estou lendo Proust, tomei um choque ao ver nele uma mesma expressão que eu tinha usado no Lustre, no mesmo sentido, com as mesmas palavras. A expressão não é grande coisa, mas nem sendo medíocre se chega a não cair nos outros. Mas isso não importa tanto. O que importa é trabalhar, como você tantas vezes me disse. E é isso o que eu não tenho feito [...] Eu queria fazer uma história cheia de todos os instantes, mas isso sufocava o próprio personagem. Acho mesmo que meu mal é querer ter todos os instantes. Que eu estou idiota, você não precisa dizer, sei bem...
>
> Clarice
>
> Nápoles, 26 de março de 1945
> (MONTERO, 2002, p. 62).

Além da amizade e da cumplicidade, os trechos das cartas de Lúcio e Clarice descortinam detalhes sobre a construção de "O lustre", de 1946. A intimidade de Lúcio chega a tal ponto de o escritor tecer comentários desfavoráveis em relação a diversos aspectos da obra, inclusive ao título. O segundo romance de Clarice não chamou atenção da crítica como a obra de estreia: em diversas cartas, a autora revela o temor quanto à publicação; logo, solicita à irmã Tânia Kaufman e aos amigos escritores, entre eles Lúcio Cardoso, que estabeleçam contato com possíveis editores interessados em publicar o denso romance.

Clarice sabia que tal romance não era "palatável", não estava inserido nos moldes que costumavam agradar os leitores e o mercado editorial da época. Em sua carta, Lúcio comenta que chegou a falar com José Olympio sobre a possível publicação do livro de Clarice, mas sem uma resposta positiva – o romance foi publicado posteriormente pela editora católica "Agir", com a ajuda de Lúcio Cardoso.

A resposta de Clarice acerca das considerações de Lúcio sobre "O lustre" revela certa frustração. Porém, a autora demonstra um misto de ironia e humor ao comentar as impressões do amigo, ao evidenciar que é uma "escritora pobre", adepta de uma escrita simples, sem enfeites ou ornamentos, mas que se traía ao enfeitar sua "pobreza".

Mais uma vez, a questão da influência assombra Clarice, pois, além de James Joyce e Virgínia Woolf, sua obra é constantemente associada à técnica de escrita de Khatereni Mansfield e Marcel Proust. Acredita que o amigo Lúcio também esteja fazendo essa associação, dado que, ao longo de toda a carta, a autora ironiza a questão da influência e sobre como a leitura e a interpretação de uma obra pode ser comprometida por tal concepção.

Diante da angústia da escrita e de questões que envolvem a crítica, a recepção e a publicação do segundo romance, Clarice é tolhida pelo desânimo e pela apatia. Deseja escrever, com isso, "uma história cheia de todos os instantes, mas isso sufocava o próprio personagem". Assim como seu herói, Clarice também sucumbe frente à realidade trivial, tendo que "bater de porta em porta" para publicar seus livros e aguardar pelo reconhecimento da crítica que poderia ou não acontecer.

Seria possível elencar inúmeros exemplos de correspondências cujo tema central é a troca de ideias, sugestões e críticas atinentes ao processo criativo dos autores. Todavia, por se exigir concisão no gênero artigo, iremos nos ater apenas a alguns trechos, a fim de ilustrar as nuances do diálogo epistolar mantido entre Clarice Lispector e Lúcio Cardoso. À medida que a pesquisa for aprofundada, se pretende, na estratégia de leitura, ir além da mera busca de fragmentos que justifiquem as análises e reflexões. Coaduna-se, pois, com importantes questões levantadas por Viotti (2007, p. 21):

> Em ensaios de crítica literária a carta costuma surgir mais frequentemente como um complemento, funcionando muitas vezes como a voz do escritor capaz de corroborar a tese que o crítico apresenta, na função de contracanto, por assim dizer, pouco diferindo, por exemplo, da entrevista. No estudo epistolográfico os papéis se invertem. A carta é o objeto de estudo, é preciso adotar estratégias distintas, e tomar seu enunciado como ponto de partida, ao invés de utilizá-lo como meio para atingir finalidades normalmente pré-definidas a partir do texto ficcional. Esse ponto de partida, entretanto, precisa ser significativo a ponto de sugerir hipóteses de reflexão que encontrem eco no conjunto textual [...].

Considerações finais

No panorama da Teoria e da Historiografia Literária, as cartas sugerem possíveis leituras e análises da vida e da obra do autor. A delimitação de escopo não impedirá que o pesquisador da epistolografia recorra a outras fontes de investigação, levando sempre em consideração os elementos fornecidos pelo texto literário em si, além de conferir especial atenção às obras comentadas por Clarice nas correspondências.

Sob esse viés, as cartas comparecem neste estudo como mais um recurso à disposição do leitor e do crítico para compreender o mistério da criação e a gênese da

obra de Lispector. Diante de tal disponibilidade, não se pretende submeter obras a uma análise impositiva e restrita ao universo das correspondências.

Referências

CIORAN, E. M. Manie épistolaire. **Nouvelle Revue Française**, n. 489, [n.p.], out.1993

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**: V – ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HAROCHE-BOUZINAC, G. **Escritas epistolares**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.

LONTA, M. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, [s.n.], 2011, p. 91-101.

MALATIAN, T. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C. B.; DE LUCA, T. R. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTERO, T. **Correspondências de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MORAES, M. A. de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2007.

MORAES, M. A. de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan./mar.2007.

PROCHASSON, C. “Atenção: Verdade! – Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 109, 1998.

SABINO, F. **Cartas perto do coração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. D. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

VIOTTI, F. B. **Encenação do sujeito e indeterminação do mundo**: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.